

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**PROSTITUTA, MULHER DA VIDA (NÃO TÃO) FÁCIL: CONTROLE
E OPRESSÃO À PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RECIFE (1965-
1970)**

DRIELE CLAUDIO MOURA DA SILVA

RECIFE-PE

2019

Driele Cláudio Moura da Silva

**PROSTITUTA, MULHER DA VIDA (NÃO TÃO) FÁCIL: CONTROLE
E OPRESSÃO À PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DO RECIFE (1965-
1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal Rural De Pernambuco, no
curso de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Pr^a Dr^o Marcília Gama da Silva

RECIFE-PE

2019

A minha família, filho, esposo e amigos.

A todos aqueles que de origem humilde
como eu, não se limitam as dificuldades e
correm incessantemente em busca de seus
sonhos.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Marcília Gama pela atenção e disposição com o qual orientou o presente trabalho.

Aos meus professores, pelos conhecimentos transmitidos, em especial a Elcia Bandeira, Alcileide Cabral e Rozélia Bezerra, por fazerem parte da construção desta pesquisa, prestando esclarecimentos e sugestões.

Ao meu filho Miguel, por ser meu maior companheiro nessa jornada e por ter me mostrado o quanto eu podia ser forte.

Ao meu esposo Douglas, por sempre demonstrar companheirismo, confiança, amor, compreensão e principalmente pela paciência nos vários momentos em que foi privado de minha companhia.

Aos meus pais Jefferson e Adriana, pelo carinho e apoio, estando ao meu lado em todos os momentos, alegres e difíceis, que passei durante estes últimos quatro anos.

A minha irmã Amanda Cláudio, que mesmo distante fisicamente, se fazia presente sempre que eu precisava. Por ter me ouvido, aconselhado e ensinado a lutar por minha felicidade, mesmo que as circunstâncias parecessem adversas.

Ao meu primo Gabriel Coutinho, que me incentivou e concedeu apoio, sendo um cúmplice neste trabalho.

Aos meus tios, tias, primos, irmãos e avós, por terem colaborado para que esse sonho se realizasse, mostrando vibração com o avanço da pesquisa.

Enfim, a todos que contribuíram nesse processo, que compartilharam alegrias e angústias, me apoiando durante esta caminhada.

As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam.

(Michelle Perrot)

PROSTITUTA, MULHER DA VIDA (NÃO TÃO) FÁCIL: CONTROLE E OPRESSÃO À PROSTITUIÇÃO NO RECIFE (1965-1970)

Driele Cláudio Moura da Silva ¹

RESUMO

Este trabalho visa analisar a prostituição na cidade do Recife durante os anos de 1965 até 1970, com intuito de investigar como esta cidade conviveu com o “mercado da prostituição” nos anos que marcaram o início da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Para isso, analisaremos as práticas de controle, ou seja, os órgãos responsáveis por vigiar, controlar e punir o comércio de mulheres. Em vista disso, partiremos com o levantamento bibliográfico sobre a temática, que irá dialogar com as análises de alguns periódicos do *Jornal Diário de Pernambuco* e *Jornal diário da manhã*. Com isso pretendemos, apontar possíveis causas que levaram ao aumento da prostituição, expondo também o papel do Estado no controle, pois assim entenderemos os meios de articulação e resistência das prostitutas. Este artigo busca contribuir com a historiografia, uma vez que, aborda de forma inédita, a relação entre a Ditadura Civil-Militar e o mercado da prostituição na cidade do Recife.

PALAVRA-CHAVE: Prostituição. Ditadura. Controle. Resistência.

PROSTITUTE, WOMAN OF LIFE (NOT SO) EASY: CONTROL AND OPPRESSION TO PROSTITUTION IN THE RECIFE (1965-1970)

ABSTRACT

work aims to analyze prostitution in the city of Recife during the years 1965 to 1970, in order to investigate This how this city lived with the "prostitution market" in the years that marked the beginning of the Civil-Military Dictatorship in Brazil. For this, we will analyze the control practices, that is, the bodies responsible for monitoring, controlling and punishing the trade of women. In view of this, we will start with the bibliographical survey on the theme, which will dialogue with the analyzes of some periodical periodicals. With this we intend to point out possible causes that have led to the increase of prostitution, also exposing the role of the State in control, as we will understand the means of articulation and resistance of prostitutes. This article seeks to contribute to the historiography, once, it approaches in an unprecedented way, the relationship between the Civil-Military Dictatorship and the prostitution market in the city of Recife.

KEY WORDS: Prostitution. Dictatorship. Control. Resistance.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal Rural De Pernambuco (UFRPE). E-mail: Driele.moura@hotmail.com.br

INTRODUÇÃO

Percebendo a ausência da temática sobre a prostituição durante o Regime Militar brasileiro na historiografia pernambucana, partimos em buscas de fontes que pudessem estabelecer conexões entre o meretrício e os métodos de opressão e controle de um Estado com práticas conservadoras. Dessa forma, observamos a necessidade de investigar os diferentes comportamentos entre os sujeitos envolvidos no controle da prostituição. Em busca de fontes, foram nos periódico que encontramos informações que nos permitiu analisar essas relações. No âmbito da pesquisa, as fontes aqui trabalhadas foram os documentos do acervo digital da coleção do *Jornal Diário da Manhã*, pertencentes à Companhia Editora de Pernambuco e também utilizamos o acervo digital do *Jornal Diário de Pernambuco*. Consultando os acervos de forma atenciosa, encontramos grande quantidade de matérias que abordavam o assunto e dialogavam com a temática. Durante a pesquisa nos periódicos encontramos matérias que falavam sobre frei Barruel De Lagenest², isso permitiu realizarmos um cruzamento de fontes entre os jornais e o livro (Mulheres em leilão) (1975) e também possibilitou dialogar com outros autores.

É importante analisarmos primeiramente a conjuntura política, para entendermos as vinculações que o trabalho propõe. Assim iniciaremos no ano de 1964, pois o Brasil enfrentava um golpe Civil-Militar, com o apoio de alguns grupos como a classe média conservadora, a empresarial, a elite política e econômica e boa parte da população composta por profissionais liberais e trabalhadores, imbuídos no combate ao comunismo. Em janeiro de 1965, já haviam se passado alguns meses da instauração do golpe, sendo assim, o governo militar atuava de forma bem estruturada e os seus ideais conservadores já refletiam no comportamento da sociedade. Em Pernambuco, com a deposição de Miguel Arraes, Paulo Pessoa Guerra passa a ser o governador do Estado. E o Recife, cidade portuária, passa a ter Augusto da Silva Lucena como prefeito da cidade.

² **J. P. Barruel de Lagenest** foi Presidente da Associação Paulista de Amparo à Mulher. O autor estudou por longos anos sobre a prostituição no Brasil, durante a Ditadura Civil-Militar. Publicou vários trabalhos sobre as causas da prostituição, da psicologia da prostituta, do problema da mãe solteira, do tráfico de escravas brancas e abordou as reações da sociedade diante dos fatos. LAGENEST, J.P Barruel de. **Mulheres em leilão**: Um estudo da prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

Os anos que marcam o início da Ditadura Militar no Brasil, também marcam o aumento da prostituição em Pernambuco, principalmente no Recife. Para compreender sobre o assunto, é importante salientar que, de acordo com o projeto de (lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940), a prostituição em si não constituía crime, Mas o código Penal criminalizava a prática do lenocínio³ (Rodrigues, 2004, p.152). Mediante a esta informação, o trabalho vem mostrar as formas de prostituição mais comuns na cidade. Este trabalho não analisa todos os bairros da cidade do Recife, mas ocupa-se com os bairros: Santo Antônio, Recife, Pina e Boa Viagem, bairros que são ou estão próximos da Região central do Recife, pois estes foram escolhidos por serem próximo ao porto, com um grande número de pontos turístico e de grade circulação de pessoas. As formas de prostituição abordadas nesta pesquisa são tanto aquelas que aconteciam nas ruas, denominadas de baixo meretrício, com as práticas de lenocínio, como também a prostituição do alto meretrício, que aconteciam, mesmo de forma ilegal.

Este artigo busca quebrar alguns estereótipos que giram em torno da figura das prostitutas recifenses, principalmente, os que as apontam como mulheres da vida fácil ou mulheres alegres. Para isso, pretendo estudar o problema social da prostituição ligando-o a outro problema, como a pobreza. Assim, pretendemos retratar que muitas mulheres dependiam da prostituição como forma de sobrevivência e não apenas para se alegrar, pois o mercado da prostituição, além de ser praticado grande parte em condições degradantes, insalubres e com a falta de segurança, as prostitutas ainda precisaram enfrentar preconceitos e violência institucionalizada, durante um período de governo conservador, que buscava moralizar os costumes.

Além desta introdução e das considerações finais, o artigo está estruturado com intuito de evidenciar as práticas de controle e órgãos responsáveis por vigiar, controlar e punir o comércio da prostituição, partindo de possíveis causas que levaram ao seu aumento em alguns bairros do Recife, durante a segunda metade da década de sessenta. Para isso, analisaremos a geografia da prostituição, verificando as principais ruas onde eram

³ Lenocínio consiste em favorecer, induzir ou tirar proveito da prostituição alheia ou ainda, manter casa de prostituição como “Crime contra os costumes”. RODRIGUES, Marlene Teixeira. O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL E A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: administração de conflitos, discriminação e exclusão. **Sociedade e Estado**, v. 19, n. 1, Brasília, jan./jun. 2004, p.152.

praticadas, para identificar as formas que montavam o cenário nos bairros analisados. Visamos apontar as formas de articulação e resistência que essas mulheres impuseram contra o sistema de controle.

Fez-se o uso da abordagem quali-quantitativa na coleta e análise das informações, no qual, partimos com o levantamento bibliográfico sobre a temática, que dialogará com análises de alguns periódicos jornalísticos da época, como: *O jornal Diário da Manhã de Pernambuco* e *o jornal Diário de Pernambuco*, que enquanto fontes abordaram a temática da prostituição. Os jornais abordados foram fundamentais para a elaboração deste artigo, pois foram estes que em forma de denúncias, trouxeram á público, alguns acontecimentos relevantes à pesquisa, já que, não é comum encontrar documentações oficiais que trazem a imagem da prostituta, que muitas vezes foi escondido ou apagado da historiografia pernambucana. Segundo Capelato: “os vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativo de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p.34). É importante destacar que como estamos tratando das montagens da rede de controle a prostituição, a cronologia dos fatos não foi rigorosamente respeitada.

POSSÍVEIS CAUSAS QUE LEVARAM AO AUMENTO DA PROSTITUIÇÃO NO RECIFE

São vários aspectos que podem levar uma mulher a ingressar no mundo da prostituição, dificilmente a mulher passa a ser prostituta de uma hora para outra, sem que antes ela pense em várias outras possibilidades. A prostituição é um problema social, que está diretamente ligado a outras causas, mas que normalmente está associado à miséria material. De acordo com o Sociólogo Barruel de lagenest (LAGENEST, 1975, p.20): “É fora de dúvida que a miséria material é a primeira grande responsável pela prostituição, quanto mais pobre uma região, maior será o número de prostitutas que ali haverá, e mais jovens seus elementos”. É partindo da perspectiva de Barruel, grande estudioso da prostituição no Brasil durante o regime militar, que pretendemos analisar o contexto econômico na busca de explicações para o aumento da prostituição na cidade do Recife.

Para proporcionar o melhor entendimento sobre a situação financeira do país, iremos discorrer de forma rápida sobre a raiz econômica do golpe e suas consequências

para o Brasil. No início dos anos sessenta a economia brasileira já estava fragilizada, visto que a inflação atingiu índices extraordinários para a época; neste período o Brasil ainda era um país com a maior parte da população pobre, que para (SINGER, 1986, p.26): “Talvez o dado mais expressivo a esse respeito seja que, em 1960, nada menos que 70,1% da população economicamente ativa ganhava menos que um salário mínimo”. Mediante a crise financeira, o presidente João Goulart tentou romper com o capital estrangeiro, para estabelecer a independência econômica do Brasil, mas o projeto foi impossibilitado pela fragilidade do governo. Em 1963, a indústria como um todo atingiu quedas, problema que se agravou, visto que a renda do Brasil, principalmente do Nordeste, despencou. Em consequência, a inflação aumentou, elevando o custo de vida. Os militares prometeram fazer a economia subir, mas depois do Golpe civil-militar a crise econômica se agravou, marginalizou milhares de brasileiros e acabou com o sonho das reformas de base. Segundo, (CHIAVENATO, 1995, p.5) “Entre 1964 e 1984, a ditadura destruiu a economia, institucionalizou a corrupção e fez da tortura uma prática política”.

No início da ditadura civil-militar, o Nordeste enfrentou dificuldades financeiras, nas quais podemos associar ao contexto da economia brasileira, que agregada ao fator natural da seca, agravou o desenvolvimento da região. Com o Nordeste em crise no ano de 1965, a agro indústria do açúcar pernambucano entra em colapso; a situação tornou-se crítica ao ponto de algumas usinas não conseguirem pagar suas obrigações básicas, como o salário de seus funcionários.



Figura 1- Capa do jornal Diário da manhã – A cervo Cepe, coleção do jornal diário da manhã, 8 de maio de 1965, jornal Diário da Manhã. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1965>

A miserabilidade no sertão e na zona da mata de Pernambuco se alastrou, ao ponto de sertanejos partirem para a capital pernambucana em busca de emprego e moradia, mas ao chegarem no Recife se depararam com uma situação difícil, pois a cidade não havia estrutura física e econômica para receber elevado número de pessoas. O problema se agravou de forma rápida, já que não havia moradias suficientes para acolher todas as famílias. O desemprego também significou um problema na vida dessas pessoas, pois as vagas de emprego não supriam a demanda, já que eram insuficientes em relação ao número de desempregados; e as poucas vagas de empregos que surgiam eram disputadas e rapidamente ocupadas. As pessoas que não encontraram empregos passaram a fazer parte do grupo denominado: excluídos; nos quais Paul Singer define:

Voltemo-nos agora para os excluídos, do acesso normal a renda, aqueles que constituem a camada mais mal paga do exército industrial ativo e do exército de reserva. Trata-se de pessoas que ocupam posições marginalizadas no processo de produção social, seja por pouca qualificação no trabalho que requerem, seja pela sua precariedade. (SINGER, 1986 p.18)

Mediante a essa situação, sem terem onde viver, famílias começam a morar nas ruas da cidade do Recife e na procura de prover o sustento, passam a buscar meios alternativos de empregos diferentes daqueles que são aceitos pela sociedade. Sendo assim, algumas pessoas que não conseguiram se estabelecer na cidade, ou seja, os não empregados passaram a ser marginalizados. O *jornal Diário da Manhã*, de 7 de junho de 1965, registrava com o tema: “Malandragem e desemprego na capital pernambucana”, no qual trouxe a público o estado de calamidade que estava passando a cidade do Recife. A matéria informava que as ruas estavam cheias de mendigos e ladrões, sendo aquela a imagem do povo nordestino que se encontrava em miséria. Segundo o artigo, com o desemprego a fome desolou a mata norte e fez com que Somas significativas de retirantes que buscavam fugir da fome, saíssem das cidades de origem para o Recife. Infelizmente eles ficaram desiludidos com a situação de miserabilidade e Passam a viver de pequenos furtos, gatunagem, como pedintes, fazendo biscates, vendendo caranguejos e frutas.

A proporção da população brasileira que morava em áreas rurais caiu, o que denota uma ampla migração rural-urbana, que foi o caso de Pernambuco. Na medida em que as ruas do Recife ficavam abarrotadas de gente, as zonas de prostituição emergiam e se

proliferaram na cidade, para satisfazer novos e antigos moradores, funcionavam de formas variadas, com o intuito de atender á públicos diferentes.

As mulheres que abasteciam o “mercado noturno” eram diversas e com histórias de vidas bem diferentes, os casos mais comuns eram: mulheres vindas de outras cidades que não conseguiram arrumar emprego e ingressaram na prostituição. Às histórias de mulheres que migraram para o Recife, em busca dos maridos que partiram antes para procurar emprego, mas muitas delas ao chegarem ao Recife, descobriam que os seus cônjuges já haviam estabelecido outras famílias; então para sustento próprio e de seus filhos entraram no mundo da prostituição. Os casos das moças que, iludidas com promessas de amor eterno, se deitavam com seus namorados, mas quando os pais descobriam, elas eram expulsas de casa; e ao procurarem os amados, descobriam que foram iludidas. Outro fato era o problema da mãe solteira, que não por vontade própria, mas que por não conseguir sustentar as suas famílias, embarcavam no mundo da prostituição.

Várias mulheres não tinham o meretrício como principal fonte de renda, já que algumas arrumaram serviços temporários e outras tinham empregos fixos, mas que não conseguiam prover o suficiente. E por ultimo, aquelas que entraram no meretrício motivadas pelo sonho de viver no luxo, essas passavam a fazer parte do alto meretrício, recebendo clientes importantes. Embora os motivos sendo diversos, o Frei Barruel de Lagenest , que a convite do Instituto Joaquim Nabuco, investigou a prostituição no Recife em 1966 e 67, e alguns anos depois, publicou a situação das prostitutas recifenses, em seu livro LAGENEST, (1975 p.21) :[...] “e Recife se acha numa situação análoga, com uma característica: aí, só 20 a 25% das meretrizes vivem somente daquilo, as outras procuram na prostituição um salário suplementar”.

Vale salientar que em março de 1966 o salário mínimo é ajustado, mas não se equiparou aos preços dos alimentos. Sendo assim, sem conseguir se manter, estando desiludidas e fragilizadas, embarcavam no mundo obscuro da prostituição. Mesmo no período de milagre econômico, Pernambuco ainda passava por dificuldades econômicas, o (*jornal Diário de Pernambuco*, publicou em 21 de abril de 1968⁴), um artigo onde

⁴ Biblioteca Nacional Digital, Jornal Diário de Pernambuco, terceiro caderno; pág 7; Duplica a população do Recife em menos de 18 nos; 1968;edição 00093. Disponível em: <Inhttp://memoria.bn.br/doceader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pagfis=51915>, 23/05/2018.

informava que ocorreu uma duplicação da população do Recife em menos de 18 anos, e que aspectos físicos, tratados de forma pejorativa, como a cabeça enorme de um pernambucano magro e comprido é sala de visita de uma região castigada pelo clima tropical e semi-árido. Segundo o artigo, o Recife é uma jóia falsa, pois a fome, as doenças e a miséria aumentaram paralelamente com o crescimento demográfico, desdobrando os cruciantes problemas do menor abandonado, da prostituição, da vadiagem e da mendicância. Magali Engel,(2004) em *Meretrizes e doutores*, que apesar de falar sobre a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX, também pode ser utilizada para ligar ao contexto do Recife de 1965, no qual para ela:

As condições de sobrevivência para os segmentos sociais pobres tornava-se cada vez mais precárias. A situação da parcela feminina desse segmento era ainda mais grava, se levamos em conta a existência de preconceitos que restringem muito as ocupações que podiam ser desempenhadas por mulheres (Engel, 2004 p. 24/25)

O assunto passa a incomodar a sociedade conservadora, que como resposta começa a fazer críticas, nas quais eram diversas vezes enviadas aos jornais. Assim, a prostituição no Recife foi tomando notoriedade com destaques em jornais. Na medida em que os anos foram passando, as denúncias sobre o aumento da prostituição cresciam significativamente. Os periódicos destacavam que várias ruas da cidade já estavam tomadas por prostitutas e por pensões alegres, situação que incomodava moradores, que muitas vezes ficavam constrangidos em ter que dividir as ruas com as mulheres. O *Diário de Pernambuco*, de 10 de agosto de 1967, por exemplo, noticiava uma carta de um leitor chamado Albuquerque, na qual expressava sua opinião, ele dizia que: “a explosão demográfica sem assistência e infraestrutura está causando um aumento expressivo da prostituição no norte e nordeste”. A sociedade insatisfeita passa a cobrar medidas dos órgãos públicos; assim, o sistema de controle toma formas mais visíveis, por meios de manchetes publicadas nos jornais.

AS FORMAS DE PROSTITUIÇÃO QUE MONTAVAM O CENÁRIO DA CIDADE, E A GEOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO.

Conforme defendido por Barruel de Lagenest (1975, p.18) a prostituição consiste no ato de alugar o corpo para jogos sexuais, normalmente sem amor, pois a finalidade é diretamente sexual. Um dos motivos pelo qual não consideramos a prostituta uma mulher da vida alegre é pelo fato de que as mulheres não se prostituem para satisfazer os seus

próprios desejos sexuais, mas sim para receber um pagamento em troca de seu trabalho, ou seja, a prostituição não consiste em receber prazer, mas sim em conceder o prazer aos clientes. No meretrício o sexo é o produto a ser oferecido; por isso, para RAGO, (1985, p.91): “A prostituta não é criminosa, pois a prostituição é uma necessidade vital”. Mesmo não sendo crime, a sociedade que se utiliza da prostituta, é a mesma sociedade que critica o seu papel. O ato de se prostituir significa exercer uma função social, pois só existem prostitutas, porque existem clientes; assim podemos expressar que a prostituição é a parte integrada da sociedade e por essa sociedade é estimulada, já que não consegue viver sem ela.

No mundo que consiste em fazer o outro sentir prazer, os clientes normalmente não são escolhidos, e por isso esses possuem idades e características diversas. A prostituta durante os expedientes de trabalho atendem desde meninos que chegaram a adolescência, e vêem nas meretrizes a forma de se afirmar como homens e buscam satisfazer os seus desejos, na medida em que ingressam no mundo sexual com mulheres experientes. Elas também atendem aos homens que não se satisfazem com suas mulheres, os que buscam novas experiências, os que querem ter experiências sexuais com pessoas diferentes, os perversos sexuais e os idosos em busca de preencher a carência ou amenizar a libido. Independente das características ou personalidades diferentes de cada cliente, a prostituta precisa cumprir a sua principal função: fazer com o que eles sintam prazer. De acordo para RAGO, (1985, p.92): “o ideal de puta para os regulamentaristas é a mulher recatada e dessexualizada, que cumpre os seus deveres profissionais, mas sem sentir prazer e sem gostar de sua atividade”. Acreditamos que uma mulher ao fazer um programa não esteja impossibilitada de sentir prazer, pois pode acontecer, porém na maioria das vezes ela não sente, apenas interpreta, com o intuito de fazer o cliente se sentir especial. Para o sociólogo LAGENEST, (1975, p.18): “Mas em qualquer forma o caráter essencialmente comercial da prostituição é evidente. Trata-se de um contrato de locação, no qual o corpo de uma mulher é o objeto”. Sendo assim, muitas vezes os sorrisos nos rostos das prostitutas não expressam felicidade, mas sim característica que precisa estar presente no trabalho, para satisfazer o público. Então muitas vezes, o que as pessoas enxergam como vida alegre, apenas expressa o poder da prostituta de se despir de sua vida, da sua família e de seus problemas, com o intuito de vestir a roupa de um personagem, que precisa se vender.

A prostituição na cidade do Recife não teve início no século XX. A historiadora

Cabral, (2015) em seu trabalho: “As mulheres na cidade do Recife”, discorreu a respeito da prostituição na cidade, entre os anos de 1870 e 1930. Em seu trabalho ela evidencia que a prostituição já não era bem vista pela sociedade e que os jornais registravam essas questões:

Sobre as prostitutas muitas são as queixas apresentadas a imprensa e, às vezes, aos que cuidam da ordem na cidade. Os jornais dão espaço para o registro do cotidiano das mulheres da vida alegre, suas aventuras e desventuras, em colunas presentes em diversos periódicos da época,[...]” (CABRAL, 2015, p.43)

Esta citação nos revela que a questão do mercado de mulheres já incomodava a sociedade anteriormente. Este fragmento também nos mostra que embora a historiadora tenha utilizado o termo “mulheres da vida alegre”, um dos objetivos deste trabalho é desconstruir este estereótipo, mesmo estando ciente de que essa expressão é bastante expressada pela sociedade.

No Recife de 1960 as mulheres da noite que vendiam os seus corpos, foram chamadas pela sociedade de: Mariposas, prostitutas, quengas, putas, garotas de programas, mulheres da vida e mulheres alegres. Apesar das várias expressões utilizadas, as prostitutas nos jornais eram mais abordadas como mariposas, que para (Varlei Rodrigo do Couto, 2015) em mariposas da noite, amantes da escuridão:

Muito embora a palavra “mariposa” tenha sido utilizada com uma conotação misógina, excludente e muitas vezes violenta, aqui, esta palavra não comporta um estigma, mas o destrói a golpes de martelo. “Mariposa” sugere e lembra a capacidade de fluidez destas mulheres, a rapidez, o fluxo, o deslocamento, a habilidade de se mover e de escapar.(COUTO, 2015, p.13)

As ruas ocupadas pelo comércio, ao anoitecer ganhavam outras fisionomias, onde a mercadoria passava a ser humana. A zona de meretrício da cidade do Recife acontecia de acordo com o bairro onde o comércio era praticado, no qual atendiam a todas as classes e gostos diferentes. No baixo meretrício, os preços dos programas eram menores, por isso eram freqüentados por pessoas com baixo poder aquisitivo. Nele realizava-se a prática do *trottoir*⁵, onde as “mariposas” circulavam nas ruas da cidade, normalmente com roupas sensuais para chamar atenção da clientela. No lugar onde as ruas serviam de vitrines era

⁵ **Trottoir** é uma palavra francesa que quer dizer "calçada". Lugar por onde as pessoas passeiam e aproveitam pra se conhecerem.

comum cada mulher ter seu próprio lugar, na qual se exibiam para atrair a maior quantidade de homens que podiam atender em uma noite, pois com os preços baixos, precisavam lucrar o melhor possível. Cada mulher tinha o seu ponto fixo, lugares estabelecidos por um terceiro, o chamado agenciador. Quem passava pelo Recife às 21 horas, se deparava com as “mariposas” desfilando nas calçadas e nas esquinas, e quando queriam sentavam-se no bar.

mulheres que viviam do baixo meretrício eram as que ficavam mais expostas, já que saiam com todos os tipos de homens, os seus clientes eram aqueles que nem sempre podiam pagar com aos custos dos bordeis, eram eles homens simples, vagabundos e ladrões. Embora as mulheres das ruas pudessem negar atender clientes, essa não era uma prática comum, pois em uma noite precisavam dormir com vários homens diferentes, isso garantiria o seu dinheiro e o do agenciador. No baixo meretrício, também funcionavam os cabarés e as pensões alegres, que eram lugares mais simples, que tinha como dona ou organizadora, mulheres mais experientes e maduras, normalmente eram mulheres que na juventude faziam programas e quando envelheciam passaram a gerir pensões, que poderiam ser próprias ou de terceiros. Essas pensões alegres eram lugares simples, com vários quartos, que serviam para serem usados nas práticas sexuais. Grande parte do baixo meretrício se concentrava no centro do Recife e no bairro do Pina, esses lugares também podiam ser chamados de inferninhos, por serem boates menos refinadas.

Enquanto à “zona” do Recife foi se marginalizando, os freqüentadores importantes procuravam bairros nobres como os cabarés em Boa Viagem, com quartos espaçosos, ornamentados e bem confortáveis, diferentes das pensões e dos cabarés que haviam no Recife e no Pina. As mulheres que trabalhavam no alto meretrício precisavam manter uma boa aparência e, além disso, também precisavam se portar bem, pois á elas também cabia as visitas aos cafês e restaurantes, e para satisfazer precisavam principalmente ter no que conversar sobre política, economia, artes e outros assuntos. Uma coisa era fundamental, elas precisavam guardar os sigilos sobre homens que elas saiam e que frequentavam os locais do alto meretrício. Em cabarés de luxo, a meretriz não pode se negar em atender algum cliente, pois isso mancharia a imagem do lugar. Este tipo de meretrício pouco é retratado nos jornais, mas quando aparece às manchetes, trazem críticas a supostos apadrinhamentos tanto por parte dos políticos quanto dos policiais. Os freqüentadores desses lugares não querem ser notados, já que pertencem a uma elite e não podem ter suas

imagens manchadas ou associadas ao meretrício.

Entre os anos de 1965 a 1970 a geografia do meretrício cresceu aceleradamente, as ruas do Bairro de Santo Antônio passaram a ser conhecidas pela quantidade de estabelecimentos chamados de inferninhos. O comércio de mulheres neste bairro também acontecia nas ruas, porém a quantidade de estabelecimentos ligados ao lenocínio era numerosa. Algumas ruas tiveram destaques por possuírem muitos estabelecimentos ligados à prostituição, estas foram: Rua Matias de Albuquerque, Direita, Pedro Ivo, Duque de Caxias, Rua da Praia Rangel, Rua da Horta, Ruas Novas, Estreito do Rosário, Penha e Rua Imperador. O Jornal *Diário da Manhã*, de 31 de janeiro de 1966, por exemplo, em sua coluna chamada: “posto de observação”, noticiava: “O Recife está cheio de cabarés nas ruas Novas, Rangel, Penha, Pedro Ivo, Livramento, Direita, Primeira de Março, Imperador, em toda parte os *Rendez-vous* proliferam. E o pior são as mariposas passeando livremente pela cidade a qualquer hora”. (Samir Abou Hana)⁶ ao escrever essa reportagem não se diz contra o direito de ir e vir, mas aponta o seu posicionamento no qual diz, que as famílias precisam ser respeitadas, pois para ele a situação tem todas as características de imoralidade pública. Ele encerra o artigo falando a seguinte frase: “será que a polícia não olha isso?”

Com menos de dois meses depois, o colunista Samir Abou Hana volta a denunciar o caso da prostituição no Recife, (em 21 de Março, na matéria com título: “Recife transformado em grande centro de prostituição”).⁷ Para Abou Hana, antes a prostituição era um lugar de mais frequência em alguns bairros do Recife, mas naquele momento a cidade inteira passa a ter prostituição, nos centros, nos subúrbios, nos edifícios, por toda parte encontravam-se casas suspeitas, onde as “mariposas”, como eram nominadas, faziam programas por todas as partes, no cinema, nas esquinas e nas ruas. Antes as meretrizes

⁶ Samir Abou Hana Samir Abou Hana é jornalista e radialista pernambucano, que passou por meios de comunicação de grande repercussão nacional e do Recife, como O Estado de São Paulo e Diário de Pernambuco, a Rádio Globo, Rádio Clube, Rádio Jornal. Abou Hana inovou a temática jornalística com prestação de serviço e melhorias à comunidade.

⁷ Hemeroteca Digital Cepe, Jornal Diário da Manhã de Pernambuco, 21 de março de 1966; pág 6; Recife transformado em grande centro de prostituição”. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1966>>, Acessos em: 22/08/2018.

ficavam nos bares, e os partiam ao seu A imagem a Acervo digital da Manhã, acompanha a realizada por Hana:



cabarés e homens encontro. seguir é do do *Diário* que denúncia Abou

Figura 2- Mulheres detidas por se prostituírem no Recife. Acervo do Jornal Diário da Manhã, 21/03/1966, matéria: Recife transformado em grande centro de prostituição. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1966>

A suposta imoralidade nas ruas do Recife não se restringe apenas ao bairro de santo Antônio, visto que, o bairro do Pina também passou a ser conhecido por suas pensões alegres, que funcionavam em qualquer horário do dia. Este bairro simples, que em sua fundação era uma pequena colônia de pescadores, se expandiu através da necessidade de abrigar trabalhadores do Recife, que precisavam morar próximos ao trabalho. O bairro do Pina cresceu de forma desestruturada e passou a ser tomado por famílias e também por prostitutas.

A Rua Brazópolis, lugar pobre, se destaca por haver nela pensões alegres e bares suspeitos, nos quais as mulheres da noite circulavam. Com a edificação da ponte Antônio Goes, pelo prefeito Augusto Lucena em 1966, foi à oportunidade para a polícia estabelecer

blitz policiais e fechar cabarés que funcionavam próximos ao antigo pátio da feira. (Em 24 de fevereiro de 1967, já com um sistema de controle á prostituição, a Rua Brazópolis é retratada pelo *Diário de Pernambuco*, em uma coluna intitulada de “Retrato da cidade” o colunista Severino Barbosa⁸) se declara favorável ao delegado Wilson Campos, quando se dispõem a moralizar a cidade e defender o respeito à família, mas também faz crítica ao delegado, que segundo ele se limita a Rua Brazópolis, no Pina, no qual é um lugar pobre. Ele diz que não se faz nada para acabar com a prostituição, na Rua Rangel, no Bairro do Recife, Rua da penha, Rua direita e Praça do palácio do governo.

Em Boa Viagem, considerado o coração da Zona Sul da cidade era comum encontrar estabelecimentos destinados ao alto meretrício, para atender o público que morava no bairro. Em locais de estruturas confortáveis e luxuosas o lenocínio era freqüente nos cabarés. Apesar disso, os inferninhos também se empestaram pelos edifícios e pelas ruas. Ao lado do mercado de Boa Viagem, funcionava o cabaré de Maria Júlia e em frente ficavam outros cabarés da mesma proprietária. Contando com os Cabarés e inferninhos, o bairro também era frequentado por “mariposas”, que ficavam durante as madrugadas nas avenidas. Também existia uma zona de prostituição nas proximidades do terminal de ônibus de Boa viagem, onde as ruas recebem o mercado noturno e alguns prédios foram transformados em cabarés. No que diz respeito ao controle da prostituição, o bairro não era acometido de investidas freqüentes da polícia, que normalmente realizava operações nos lugares mais pobres, enquanto as boates que recebiam pessoas da alta sociedade continuavam funcionando sem nenhuma espécie de impedimento.

PRÁTICAS DE CONTROLE E ÓRGÃOS RESPONSÁVEL POR VIGIAR E PUNIR O COMÉRCIO DE PROSTITUIÇÃO

Como já vimos, a população estava descontente em relação à prostituição, que aceleradamente se alastrava pela cidade do Recife e ultrapassava as fronteiras simbólicas, aproximando-se cada vez mais das pessoas e acontecendo cada vez mais cedo, ainda em

⁸ Biblioteca Nacional Digital, Jornal Diário de Pernambuco, segundo caderno; pág 3; O retrato da cidade; 1967; edição 00045.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pagfis=51915>, Acesso em: 22/08/2018

horários comerciais. O cenário do submundo era adverso aos valores morais vigentes, que segundo (Marcila Gama, 2007):

Comungando interesses, diretrizes e um corpo de idéias que vão se constituindo, tomando forma num cenário de guerra fria, observa-se paulatinamente a sociedade sendo o receptáculo dessas idéias, a máquina estatal se envergando, ao sabor dos interesses e argumentos cada vez mais influentes de uma elite conservadora, que se imbuí do discurso de ordem [...] (SILVA, 2007, p.26)

Motivados por discursos conservadores, sucedeu que os comerciantes e também frequentadores dos bairros perceberam o crescimento do meretrício e passaram a temer pelo seu negócio, com receio, que acontecesse hesitação dos clientes em frequentar as lojas, já que a prostituição adentrou um centro comercial. As mulheres que frequentavam o comércio diurno ficaram receosas, com medo de serem confundidas com meretrizes. Essa situação colaborou para que crescesse as denúncias que pairavam contra o meretrício na cidade, pois o comércio da prostituição incomoda mais quando é praticado de forma exposta e assim estava acontecendo. Em resposta ao comércio da prostituição, os moradores e comerciantes passam a realizar denúncias e se utilizam dos jornais de grande circulação para apresentarem o sentimento de revolta com a situação vivida. Isso nos remete ao controle dos corpos, sendo mecânica do Poder, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, para que operem como determina (Foucault 1987).

Os jornais, que eram grandes veículos de notícia em massa, passam a retratar de forma intensa o cotidiano das prostitutas, trazendo as denúncias e insatisfações da sociedade. No ano de 1967 o *Diário de Pernambuco*, cria uma coluna semanal, que se chamava: (“Retrato da cidade”, escrita por Severino Barbosa), com o intuito de apontar os problemas públicos. Dessa forma, a situação da prostituição em Pernambuco era retratada constantemente, e de maneira enfática o jornal falava sobre a cidade do Recife. As colunas de Severino Barbosa traziam assuntos, como: As denúncias sobre o aumento da prostituição, a insatisfação da população, as blitz policiais e também era comum ver cobranças que ele realizava, nas quais pediam a participação das autoridades.

O discurso do sexo vem crescendo de acordo com os séculos, mas não deixa de ser controlado Foucault (1979), principalmente o sexo pago, como o da prostituição. Como a sociedade passou a cobrar intensamente a participação do Estado no sistema de controle da

prostituição, se fez necessário a participação efetiva da polícia, com intuito de barrar o aumento do meretrício. Para isso, o estado contou com o trabalho da delegacia de costumes, que funcionava no cruzamento da Rua Aurora com a Riachuelo. A delegacia especializada possuía uma estrutura precária, com poucos policiais, quantidade insuficiente para fazer todo o serviço das quatro secções: Repressão a Tóxicos, jogos, prostituição e mendicância. A delegacia de costumes possuía um serviço de cadastro de prostitutas desde 1939, mesmo depois de 30 anos, haviam poucas mulheres cadastradas, pois muitas nem sabiam que existia esse serviço; na verdade a ficha de cadastro não se popularizou porque muitas mulheres temiam se apresentar como prostitutas e terem que preencher o cadastro com seus dados pessoais. Apesar do receio, sempre que uma prostituta era detida pela polícia, elas eram fichadas. (No *Diário de Pernambuco*, com data de 24 de maio de 1967 Severino Barbosa expressa ⁹⁾ que as autoridades só fazem fichar as prostitutas, ninguém vai preso e nenhuma casa é fechada. Aponta que o número de prostitutas em 1947 eram 5 mil, em 1957 eram 15 mil e em 1967 eram 30 mil. Essas informações demonstram que o número de prostitutas cresceu e conseqüentemente aumentou o número de mulheres fichadas pela polícia.

Como a prostituição passou a ser mais exposta na capital pernambucana, o assunto transpôs as páginas dos jornais e começou a ser discutido pela sociedade. Em 24 de agosto a prostituição na cidade do Recife vira assunto de debate no centro de estudos de Boa Viajem, na rua Antônio falcão 798. No dia 29 do mesmo mês, foi realizado a primeira semana de estudos sociais no colégio Nóbrega, e o evento teve a participação do Frei Barruel de Langeneste, que discursou sobre causas e efeitos da prostituição e da delinquência no nordeste. O Frei afirmou que a prostituição é produto da sociedade e revelou que segundo as suas pesquisas, no Recife existiam naquele momento 35 mil prostitutas. O que podemos perceber com essas informações é que não tinha como saber o número exato de prostitutas que estavam se prostituindo na segunda metade da década de sessenta, mas o que se sabe é que segundo as informações, esses números ultrapassavam 30 mil mulheres. Apesar dos esforços das autoridades no sentido de fazer prevalecer à ordem, o resultado esperado não foi alcançado com rapidez, o que contribuiu diretamente

⁹ Biblioteca Nacional Digital, Jornal Diário de Pernambuco, segundo caderno; pág 3; O retrato da cidade; 1967; edição 00119. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pagfis=51915>, Acessos em: 27/08/2018

para que a delegacia de costumes passasse a agir com mais rigor no controle da prostituição com repressão policial e intervenções do poder público, através de remoções violentas.

Em 1966 marca o ano em que foram tomadas as medidas mais rigorosas, como fechamentos de pensões alegres. Muitos inferninhos foram fechados, pois foi constatado o trabalho de menores em praticas sexuais. Assim, os juizados passam a vasculhar inferninhos a procura de menores, com o intuito de reprimir a intensa aliciação de menores para a prostituição. As blitz policiais foram feitas nas ruas: Matias de Albuquerque, Rua Pedro Ivo, Rua do Rangel, Rua da Horta, Boa Viagem, Bairro do Recife. No final de dezembro daquele mesmo ano, foi proibido o comércio de prostituição nas ruas centrais do Recife, inclusive nas ruas do palácio do governo, que depois das 20 horas tinham um comercio ativo de prostituição. Como não podiam mais praticar a prostituição nas calçadas, as damas da noite montaram seus reinados nos sobrados e cabarés da Rua Rangel.

Durante os anos de 1967 o controle da prostituição se tornou ainda mais intenso, mais de trinta cabarés no Recife eram clandestinos e foram fechados. (*O Jornal Diário de Pernambuco* de 18 de fevereiro noticiava que o delegado de boa conduta Wilson Campos de Almeida¹⁰), pois conseguiu fechar o maior número de bordéis, maior que seus antecessores; Com o intuito de afastar do Baixo Meretrício, estes são encontrados através de denúncias dos populares. Conseguindo abaixar o índice de prostituição da capital pernambucana, na qual estava ficando regionalmente conhecida. O delegado também proibiu o lenocínio antes do horário fixado das 22 horas. Esse fato nos remete a (Marlene Teixeira Rodrigues, 2004) que em seu artigo, Sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo fala que:

Objetivamente a intervenção da polícia brasileira no âmbito da prostituição está pois, associada tanto a suspeita de existência do crime de lenocínio quanto a conflitos relacionados a perturbação da ordem pública que, embora não se caracterize como crimes, estão em sua esfera de atuação. (RODRIGUES, 2004 , P. 167)

¹⁰ Biblioteca Nacional Digital, *Jornal Diário de Pernambuco*, segundo caderno; pág 3; O retrato da cidade; 1967; edição 00040. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_14&PagFis=47902&Pesq=retrato da cidade](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_14&PagFis=47902&Pesq=retrato%20da%20cidade)>. Acessos em: 23/09/2018

O combate à prostituição sai da esfera de medidas de controle e assume características repressivas na medida em que policiais passam a praticar violência às donas de pensões alegres na cidade do Recife. Essas mulheres que sofreram violência, foram apontadas por certos policiais como perigosas, mas não passavam de donas de pequenas pensões alegres. As denúncias de jornais não trazem o fechamento de grandes prostíbulo ou de casas de luxo, pois as grandes cafetinas possivelmente recebiam maior cobertura, por parte de policiais. É importante destacar que na tentativa de moralizar a cidade, o delegado de costumes se limita a Rua Brazópolis, no qual é um lugar pobre no bairro do Pina. (No *Jornal Diário de Pernambuco*, em 2 de março de 1967, na coluna: “O retrato da cidade”, Severino Barbosa¹¹) se dizia revoltado com o que fizeram contra uma senhora de idade, conhecida por dona Preta que residia, à Rua Brazópolis, no Pina, o comissário do citado distrito, sob a alegação de que na residência da tal senhora se praticava o lenocínio, mandou buscá-la escoltada até o comissariado. E foi lá, debaixo das maiores ameaças, que o comissário intimou à mesma dona Preta a não mais abrir a porta de sua casa, “nem para botar a cabeça na rua”. Segundo (Barbosa, 1967) “E a pobre mulher teve que arribar do Pina. Isto num bairro onde a prostituição se faz de noite e dia.” A indignação por parte do colunista, não se fez apenas pelo fato de que o comissário tenha intimidado a dona da pensão, mas a sua indignação se fez pelo fato de que várias pensões e prostíbulos funcionavam com liberdade em várias áreas do Recife, enquanto as pensões pobres da Rua Brazópolis eram fechadas.

A delegacia de costumes no dia 29 de março de 1967 passa para Odolito Azevedo, que mais tarde seria conhecido como o terror do DOPS-PE (Departamento de Ordem Política e Social). Sobre a prostituição, propôs o Doutor Azevedo fazer funcionar o mesmo sistema anteriormente implantado, não permitindo a abertura de novos cabarés, mas também não fechando aqueles que se encontram inscrito no fichário da delegacia de costumes. Isso nos leva a entender claramente, que o fato de existir um fichário onde os cabarés estão registrados, nos indica que havia um sistema de controle das casas de tolerâncias que eram vigiadas pela polícia.

¹¹ Biblioteca Nacional Digital, *Jornal Diário de Pernambuco*, segundo caderno; pág 3; O retrato da cidade; 1967; edição 00050. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_14&PagFis=47902&Pesq=retrato da cidade, Acessos em: 27/09/2018.

Como o Recife é uma cidade portuária, muitos marujos e turistas passavam temporariamente pela cidade e o mercado da prostituição também era considerado um ponto turístico, uma vez que aconteciam todas as noites, onde a cerveja e a prostituição eram o espetáculo e o dólar corria frouxo. Muitos bares também eram freqüentados por mulheres que buscavam se relacionar com os turistas. Visto que, muitas meninas de pouca idade ficavam nos bares; a delegacia de costumes em conjunto com o juizado no ano de 1969 realizou um projeto no qual cinquenta moças com educação superior, que tinham como objetivo visitar locais para afastar mulheres de pouca idade dos bares. Essa medida foi elaborada para ter mais caráter doutrinário do que repressivo, mas não deixa de ser uma forma de controle.

Outra forma de disciplinar a prostituição se fez por meio dos discursos higienistas, onde os médicos reforçavam a necessidade de combater as doenças sexualmente transmissíveis. Margareth Rago discorre sobre esse método (RAGO, 2009, P.91): “inspirados nos métodos da sociologia empirista e impulsionados pela idéia sanitária, os médicos ligados aos órgãos públicos de controle da saúde da população, preocupa-se com a vigilância e controle da prostituição, necessária, porém perigosa”. Esse estigma que assinala prostitutas como pessoas imorais e transmissoras de doenças opõe limites à sexualidade (Rose; Bispo 2017). De acordo com estes discursos, as meretrizes eram submetidas obrigatoriamente á exames periódicos no posto de saúde da Madalena, conforme entendimento havido entre a direção de orientação de divisão técnica e da delegacia de costumes, visando diminuir o índice de doenças. Nesse processo, coube à delegacia de costumes fiscalizar o cumprimento desta determinação, encaminhando ao posto as mulheres que não se apresentavam com a carteira de identificação oferecida pela divisão. Os policiais intimaram as donas de prostíbulos a mandarem suas meninas para fazer o exame da profilaxia ginecológica. E quando eram encontradas meretrizes sem cartão de identificação, essas mulheres ficavam proibidas de frequentar os prostíbulos. No posto de saúde da Madalena as mulheres realizavam testes de reações sorológicas. A equipe também possuía uma assistente social, na qual pesquisava sobre a vida das mulheres, visando afastá-las da prostituição. Em entrevista concedida em 10 de agosto de 1969, ao *Jornal Diário de Pernambuco*, o delegado de costumes Mario Tomas de Alencar afirmou: “[...] a prostituição é um mal necessário à sociedade, que vem se tornando um

grande problema na medida em que propaga moléstias contagiosas. Como não posso extinguir a prostituição, tento acabar com as enfermidades.

Em outubro de 1969 ocorreu o fechamento de boates e 12 pensões alegres situadas no bairro do Rangel, Padre Muniz, Direita, Praça Sérgio Loreto e Avenida Sul, os agentes deram por encerrado os trabalhos nas ruas centrais do Recife. O fechamento das casas alegres de Boa Viagem foi estudado pelo delegado Mario Alencar, pois ele acreditava que a prostituição é um problema social que só poderia ser controlado com a centralização, ou seja, com a colocação de pensões alegres em um único lugar. Naquele mesmo mês, o delegado tomou as conclusões que somente no Bairro do Recife e no Pina seriam aceitos “inferninhos” por terem sidos estalados a muito tempo e por serem bairros isolados, já que isso ajudaria na fiscalização. Em 1970 muitos inferninhos foram fechados em boa viagem e as mulheres foram concentradas no bairro do Recife.

PRÁTICAS GAZETEIRAS DE RESISTÊNCIA DAS PROSTITUTAS CONTRA O SISTEMA DE CONTROLE

As prostitutas não costumavam obedecer todas as normas instauradas pelas autoridades, quando a delegacia de costumes estabelecia lugar e horário para o trabalho elas não cumpriam, pois afirmavam que os lugares estabelecidos pela delegacia de ordens e costumes já estavam sendo bastante explorados e por isso se diziam obrigadas a infringir ordens, mesmo se arriscando. As prostitutas sempre buscavam formas de fugir das autoridades, quando eram flagradas se prostituindo em lugares proibidos, uma das formas de fugir da polícia era correr ao notarem a presença de policiais. Como possuíam o conhecimento do lugar, as prostitutas geralmente conseguiam escapar da polícia, mas em seguida passado o susto, elas voltavam para o mesmo lugar para exercer a profissão. Quando pegas pelas autoridades, elas eram fichadas e habitualmente voltavam a se prostituir, porque o ato de serem fichadas não modificava a necessidade de trabalhar, apenas dificultava processo. As prostitutas estavam cientes de que o risco faz parte do ofício, então para enfrentar este trabalho, era necessário coragem. Algumas mulheres justificam o seu comportamento com o argumento de não terem empregos e possuírem filhos para sustentar, por isso elas insistiam, pois precisavam se manter e manter suas famílias. Isso demonstra que a questão social brasileira acerca da prostituição é bem mais complexa do que se pode imaginar (Dias, 2017).

Quando a Secretaria de Segurança fechou as casas de prostituição, transferindo-as para o Bairro Rio Branco 1969, buscando acabar com o lenocínio, as prostitutas voltaram a frequentar locais como a Rua do Sol e Matias de Albuquerque, em horários impróprios, ou seja, antes daqueles fixados pela delegacia de costumes, no qual permitia a prostituição a partir das vinte e duas horas. Após as vinte horas e trinta minutos, as meretrizes invadiam as ruas e ficam passeando pelas calçadas. É como se essa medida tivesse desequilibrado o mercado da prostituição, ao passo que, essas mulheres não encontravam cabarés e pensões alegres e para realizar os seus trabalhos elas precisavam recorrer às ruas. Como os Bairros de Santo Antônio e Pina ficaram abastecidos de meretrizes, elas passaram a ocupar outros bairros próximos como a Conde da Boa Vista. Num artigo publicado pelo *Diário de Pernambuco*, em 5 de julho de 1970, trás a informação de que a partir das 22 horas as prostitutas passariam a ficar na rua da Saudade, fazendo ponto e provocando a mesma algazarra de tempos atrás, antes dos fechamentos das casas.

Com o projeto que obrigava as meretrizes a se submeterem á exames periódicos no posto de saúde, conforme entendimento havido entre a DSP (Departamento de Saúde Pública) e a Delegacia de Costumes, ocorreram casos de negação por parte de mulheres, mas como os locais poderiam ser fechados se caso as mulheres não houvessem feito os exames, muitas donas de bordéis obrigaram o comparecimento de meninas ao posto de saúde da Madalena, para que fossem realizados os exames. Dessa maneira, mesmo que não haja uma lei que proíba a prestação de serviços sexuais por dinheiro, as pessoas que os prestam são associadas, numa relação de contágio, o que legitima a atuação das agências formais de controle social a empreenderem contra elas ações discriminatórias (Rosa; Bispo 2017). As mulheres que foram detectadas com doenças sexualmente transmissíveis foram impossibilitadas de pegar suas carteiras de saúde e por conta disso foram proibidas de frequentarem pensões alegres e cabarés, mas como a medida não se referia as prostitutas que faziam programas nas ruas, era comum mulheres doentes, passarem a realizar os meretrícios nas ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisarmos o comércio da prostituição em diferentes bairros da cidade do Recife, onde verificamos que a crise econômica nos anos iniciais da Ditadura-civil Militar no Brasil, somou-se com ao período de seca, enfrentado pelo Nordeste, o que levou a consequente migração para a cidade. Em

Pernambuco, como as usinas perderam parte do subsídio concedido pelo Estado e não tiveram a devida assistência para amortecer a crise do setor, e com isso, algumas usinas pararam de funcionar e trabalhadores ficaram sem emprego. Esta situação contribuiu para o aumento da fome e desencadeou a miséria, proporcionando o êxodo urbano. O Estado não realizou nenhuma campanha assistencialista, pois estava quebrado devido a crise econômica que atravessava. Em virtude da conjuntura, as dificuldades começaram e por isso passaram a surgir problemas sociais na capital pernambucana, como mendicância, aumento da criminalidade e prostituição. Além do fator econômico, algumas outras situações também estão diretamente ligadas ao ingresso de mulheres no mundo da prostituição, como o problema da mãe solteira, incremento da renda, o gosto pelo luxo.

Como vimos, a coletividade se utiliza dos serviços que as meretrizes oferecem, mas se esforça para esconder o meretrício. Para a sociedade, a prostituta é reprovável e vista como criminosa, pois enxergam a prostituição como alternativa e não como necessidade. Desconsideram o tipo de ambiente onde elas atuam e que são sujeita às agressões arbitrárias da polícia, dos agenciadores e dos clientes. Preferem não lembrar que essas mulheres estão constantemente vulneráveis a violências, tanto físicas, como sexuais e morais.

Nesse segmento social, a violência parte dos clientes, da polícia e da própria sociedade, que visualizam essas mulheres como uma ameaça à família nuclear e, dessa forma, praticam a violência sobre o grupo, deixando marcas invisíveis através da violência psicológica e social, haja vista que esse grupo é cotidianamente alvo de preconceito, estigma e discriminação por parte da sociedade. (MOUREIRA; MONTEIRO, 2012 p.15)

Neste sentido, podemos perceber o esforço realizado para controlar a prostituição. Desta forma, o sistema de controle existiu como uma espécie de teia onde se iniciava com a insatisfação da sociedade, que descontente realizava reclamações constantes e queixas nos jornais. A segunda parte da teia se fazia pela imprensa, visto que contribuíam para a compreensão do discurso de ordenação social, com o intuito de agradar uma sociedade moralizadora, passaram a publicar manchetes em jornais, nas quais relatavam o aumento da prostituição e cobravam o efetivo trabalho da polícia em realizar um sistema de controle. O constrangimento dessas mulheres pela imprensa demonstrou um grande conservadorismo, em prol dos “valores” da família e de sua defesa e preservação. Por último, e mais importante elemento da teia de controle a prostituição, podemos destacar a

atuação da Delegacia de Costumes do Recife, na qual tinha a função de Repressão á tóxicos, jogos, prostituição e mendicância.

É importante salientarmos que o papel da Delegacia de Costumes seria acabar com o lenocínio, já que este era crime pela constituição, porém a atuação dessa Delegacia ultrapassou este limite, na medida em que autorizado pela Secretária de segurança proibia o *trottoir* em áreas publicas da cidade, e com esta medida perseguiram aquelas que se negavam a obedecer, pois essa prática volátil dificultava o controle. O baixo meretrício foi fortemente controlado, pois a Secretaria de Segurança foi de encontro aos interesses das famílias, motivados por reclamações excessivas sobre o assunto. Este trabalho nos possibilitou analisarmos o trabalho da Delegacia de Costumes, visto que atuavam intensamente nos bairros pobres da cidade, enquanto bordeis de luxo recebiam certos privilégios. Com o tempo, como a Secretaria percebeu que não conseguia combater o lenocínio, ela passa a se beneficiar dela, estabelecendo impostos sobre o consumo nos cabarés, que é outra forma de coibir a prática, pois atinge diretamente o econômico, o lucro desses comerciantes.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário destacar que as expressões que são utilizadas para se referir as prostitutas como mulheres da vida fácil e mulheres alegres, esses não expressam o verdadeiro sentido do trabalho, que é perigoso, doloroso, exaustivo e degradante. A prostituta é uma mulher em disfarce, porque não podem ser sinceras em suas profissões. As vidas das prostitutas remetem à micro- histórias, termo utilizado no plural, pois as histórias possuem contextos diferentes, nas quais explicam a necessidade de se prostituir. Infelizmente, ainda hoje essas imagens e estereótipos sobre elas se perpetuam, sendo responsáveis em construir um estigma negativo sobre essas mulheres. Os discursos sobre este assunto dentro da academia é de suma importância, na medida que combate estes estereótipos. A exploração desta temática não se esgota neste trabalho, várias outras possibilidades podem ser analisadas, pois consideramos que esta pesquisa esteja servindo como ponto de partida para o estudo da prostituição no Estado de Pernambuco, contribuindo diretamente para a historiografia pernambucana sobre o tema e período.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940.** Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

CABRAL, Alcileide; MARIA, Noemia (org). **As mulheres na cidade do Recife: Feminismo, cultura e transgressão (1870-1930).** Recife: editora EDUFRPE, 2015.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 1988.

CHIAVENATO, J. José. **O golpe de 64 e a Ditadura Militar.** 2º ed. São Paulo: Editora moderna, 2004.

COUTO, Varlei Rodrigo do. **Mariposas da noite, amantes da escuridão: prazer e erotismo na prostituição feminina em Pouso Alegre.** Tipo de trabalho: Dissertação de mestrado, História Cultura – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo 2015.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber,** Rio de Janeiro: Graal 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete.** Petrópolis, Vozes, 1987.

LAGENEST, J.P Barruel de. **Mulheres em leilão: Um estudo da prostituição no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila: Prostituição, identidade social e movimentos associativos.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambigüidades. Rev. **Latino-Am. Enfermagem.** set.-out. 2012, [07 telas].

RAGO, Luiza Margaret. **Do cabaré ao lar: A Utopia da Cidade Disciplinar (Brasil 1890-1930).** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL E A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: administração de conflitos,

discriminação e exclusão. **Sociedade e Estado**, v. 19, n. 1, Brasília, jan./jun. 2004, p.151-172.

ROSA, Alexandre Morais da; BISPO, Andrea Ferreira. Prostituição: o impasse entre o Legalismo Moral e o Princípio do Dano. **Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI**, Itajaí, v.12, n.3, 3º quadrimestre de 2017. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791 Acessos em 02 de julh. de 2019

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória: A construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985)** . Tese de Doutorado, em História – Universidade Federal de Pernambuco, RECIFE 2007, p15 a 241.

SINGER, Paul. **Repartição da renda: Pobres e ricos sobre o regime militar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.